

---

## EDUCAÇÃO SEXUAL NA INFÂNCIA: DISCUTINDO GÊNERO NO LIVRO *MENINO BRINCA DE BONECA?*

---

Marcos Ribeiro<sup>1</sup>  
Sara Hungaro Lazaretti<sup>2</sup>  
Rodrigo da Paixão Pacheco<sup>3</sup>  
Ricardo Desidério<sup>4</sup>

**Resumo:** Este trabalho apresenta possibilidades de se pensar a respeito das questões de gênero em programas de Educação Sexual, principalmente na infância, uma vez que as normas ditadas entre o que é certo ou errado para o menino e a menina, são cada vez mais evidentes durante todo nosso desenvolvimento. Entretanto, o objetivo do texto aqui proposto é apontar para uma reflexão da Educação Sexual na infância, apresentando possibilidades de propostas de planejamento pedagógico da temática gênero através da interdisciplinaridade, tendo como base o livro *Menino Brinca de Boneca?*. Acreditamos que a articulação da temática com a literatura deva ser trabalhada junto às crianças de modo sistemático, contínuo e de forma efetiva, com momentos de interação grupal e reflexões conjuntas, colocando em prática um Programa de Educação Sexual que faça parte do Projeto Político Pedagógico da escola.

**Palavras-chave:** Gênero. Literatura. Educação Sexual.

### Introdução

Em um país como o Brasil, devido a sua multiplicidade de fatores étnicos, geográficos, religiosos, econômicos e políticos, a sexualidade tem em disputa um discurso com as mais variadas proposições na tentativa de normatizar condutas. É possível encontrar, por exemplo, grupos abertos para a aceitação de um trabalho com esse tema e outros tão fechados em uma mesma localidade que, sem fundamento técnico-científico, discordam de qualquer tipo de abordagem por acreditar que seria ensinar as crianças a prática sexual ou a “ideologia de gênero”, conceito este sem nenhuma fundamentação científica.

No entanto, esse debate não é recente. Dos aspectos históricos mais longíquos – por volta de 4000 a.C. – até os dias atuais, a sexualidade sempre esteve presente na história da humanidade, na maioria das vezes pelo viés do pecado e com relações assimétricas entre homens e mulheres.

---

<sup>1</sup> Mestrando em Educação Sexual na Unesp/Araraquara. E-mail: marcosribeiro@marcosribeiro.com.br

<sup>2</sup> Mestranda em Educação Sexual na Unesp/Araraquara. E-mail: sara\_hungaro@hotmail.com

<sup>3</sup> Doutorando em Educação na Pontifícia Universidade Católica de Goiás – PUC/Go. E-mail: adm.rodrigopp@gmail.com

<sup>4</sup> Doutor. Docente do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná e do Mestrado em Educação Sexual da Unesp/Araraquara. E-mail: ricardo.desiderio@unespar.edu.br

Independentemente de todo enquadramento e cerceamento que se queira impor, por grupos religiosos ou políticos, a conversa sobre sexualidade na escola é uma questão de direitos. O Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos (PNEDH), publicado em 2003 e revisado em 2006, afirma que educar em direitos humanos “é fomentar processos de educação formal e não formal, de modo a contribuir para a construção da cidadania, o conhecimento dos direitos fundamentais, o respeito à pluralidade e à diversidade sexual, étnica, racial, cultural, de gênero e de crenças religiosas” (BRASIL, 2003). Logo, essa garantia se constrói no momento em que grupos e minorias lutam por igualdade, não aceitam o processo de normatização dos corpos e buscam o debate que fuja da norma social, colocada pela lei, pela punição moral ou social e pelo enquadramento classificatório através dos discursos científicos, seja médico, psicológico, social ou religioso.

Contudo, o que esperar, então, de um trabalho de Educação Sexual com crianças? Adequado a cada idade e ano da seriação escolar, objetivamos que as crianças conheçam o próprio corpo, estabeleçam relações igualitárias com seus(as) amigos(as), saibam se proteger diferenciando toque de carinho da violência sexual e não estabeleçam relações preconceituosas e de discriminação. É um trabalho pautado na Ciência e nos Direitos Humanos.

Nesse sentido, acreditamos na formação docente que inclua a compreensão da sexualidade infantil e a importância desse trabalho para o desenvolvimento físico, cognitivo, afetivo e social da criança, assim como que seu conteúdo seja adequado de acordo com a idade e ano escolar. É importante que a proposta apresente uma metodologia adequada. Para tanto, seguida a esta introdução, este artigo discorre sobre algumas reflexões para se pensar na Educação Sexual infantil. Na seção seguinte, refletiremos sobre a interdisciplinaridade na discussão sobre gênero, tomando o livro *Menino brinca de boneca?* como elemento central, apresentando possibilidades de propostas de atividades com a obra para o planejamento pedagógico e sua efetivação na escola.

## 1 Educação Sexual infantil

Para realizarmos um trabalho de Educação Sexual com criança, além de precisarmos conhecer o seu desenvolvimento por faixa etária, é importante identificar os conteúdos adequados e sua compreensão cognitiva, de acordo com a idade e ano escolar.

Identificando neste artigo o início dessa conversa com crianças a partir dos 4 e 5 anos, sem desconsiderar que o trabalho pode começar em idades anteriores, destacamos que o objetivo é favorecer uma aprendizagem efetiva, que promova o conhecimento do corpo, o cuidado em se proteger, o respeito às diferenças e a cultura da paz. Sabemos que a mera transmissão de informação não garante a mudança de comportamento e é exatamente por isso que indicamos a inserção desses

conteúdos nas atividades lúdicas, tais como: jogos, desenhos e brincadeiras. É também através dessas atividades que vamos trabalhar os cuidados e a proteção com a saúde.

Segundo Silva (2015, p. 20), a Educação Sexual na escola

é hoje uma necessidade a ser efetivada tanto nas discussões políticas, quanto nas ações e concretização de sua prática. Ao dizer Educação Sexual estamos nos referindo a toda ação contínua, em um processo de interação humana pelo qual, inserido em uma cultura, uma história e uma política, nos leva a pensar na construção de um sujeito ativo frente às informações, aos desejos, às necessidades básicas sobre seu corpo, seu funcionamento e organização. Assim, tal sujeito pode dialogar, ter voz ativa e poder expressar suas opiniões, respeitando as opiniões do outro e significativamente percebendo a sexualidade como algo positivo em sua vida, sem medos, tabus e/ou receios em poder/querer aprender sobre tudo que se passa a sua volta durante toda sua vida.

Logo, essa conversa não se limita aos aspectos sexuais, mas se insere nos cuidados da saúde, importante para mudanças de hábitos das crianças, como uma forma de preservar a vida. A escola que já desenvolve essa abordagem terá muito mais facilidade, inclusive de conversar sobre a pandemia do Covid-19, porque falar de saúde já faz parte do seu cotidiano.

Um outro aspecto que devemos destacar é a curiosidade das crianças em relação às descobertas do corpo e o prazer que este proporciona. Essa conversa e o esclarecimento de dúvidas, sem tratar o assunto como um bicho-papão, pode facilitar muito nesse aprendizado. Tais curiosidades se apresentam desde cedo. Elas se manifestam quando a criança quer saber de onde veio, quando toca e descobre as sensações de prazer do próprio corpo, quando observa as diferenças entre meninos e meninas e o corpo dos adultos, na convivência com os pais, as mães ou outro(a) responsável.

Assim, deve-se estar atento a esse desenvolvimento e realizar um projeto de Educação Sexual começando da Educação Infantil, pois as muitas interrogações que a criança apresenta desde cedo desperta o desejo de saber e, portanto, da aprendizagem. Quando a curiosidade não é atendida adequadamente, pode desencadear dificuldades no processo escolar e no desenvolvimento afetivo e emocional.

Egypto et al (1999, p. 27), aponta que

o desejo sexual se manifesta nos meninos e nas meninas na busca de satisfação e prazer ao tocarem e explorarem os seus corpos de muitas maneiras. Estas sensações de prazer podem ou não serem acompanhadas de fantasias.  
As crianças têm fantasias e teorias próprias a respeito da sua origem e da sexualidade (...) todas têm suas teorias性uais infantis. Quando a criança pergunta ao adulto, ela está querendo conversar sobre estas teorias.

Nesse sentido, o papel da escola através da realização deste trabalho é oferecer respostas com informações científicas, através das atividades citadas anteriormente. Com isso, a criança desenvolve o pensamento, levanta hipóteses e dúvidas e pode questionar através das suas primeiras

dúvidas. Afinal, como nos aponta Ribeiro (1996, p. 23), não é possível “construir primeiramente um corpo e somente depois um corpo sexuado”. O conhecimento das manifestações sexuais da criança facilita a pais, mães ou outros(as) responsáveis e professores(as) para lidarem de forma mais tranquila quando ocorrem desde tenra infância.

Segundo Egypto *et al* (1999, p. 27),

o professor pode orientar o aluno nesse sentido se ocorrer em sala de aula ou outro lugar público na escola [...] as crianças devem ser orientadas a não introduzir objetos estranhos (excluídos os para higiene e saúde) em qualquer orifício do corpo, pois são prejudiciais à saúde. Se a criança estiver muito angustiada ela pode se masturbar para buscar gratificação. O brincar, a socialização e a aprendizagem podem estar impedidos devido a um nível insuportável de angústia, de desamparo ou de carência afetiva que não podem ser elaborados pela criança através da brincadeira e, portanto, ela busca uma gratificação de maneira muito mais direta, que é a gratificação [...] obtida através da masturbação.

O autoerotismo, por exemplo, uma dessas descobertas da criança, é uma forma de buscar satisfação no próprio corpo (SILVA & MAIA, 2013). Nessa descoberta, muitas crianças buscam se tocar de forma repetida, de maneira compulsiva, inclusive na sala de aula, quando alguns alunos e algumas alunas se distraem e ficam se tocando até a intervenção pedagógica do(a) professor(a). Outro destaque importante para esse trabalho com as crianças é a respeito do conhecimento das diferenças corporais entre meninos e meninas. Nessa faixa etária as crianças já percebem que o menino tem um pênis e a menina têm uma vulva, mesmo que não conheçam os nomes científicos, geralmente apelidados por outros nomes – nesse caso, vai depender de cada família e do seu ambiente sociocultural. Ao(a) professor(a), depois de ouvi-los, cabe ressaltar os nomes corretamente.

Essas informações sobre o corpo humano devem ser trabalhadas integradas a outras partes do corpo, nomeando-as e explicando suas funções. Inclusive tal ação é parte de uma das habilidades da BNCC (BRASIL, 2018) e deve ser explorada minunciosamente conforme nos aponta Desidério (2020).

Nessa conversa vale ressaltar que

interessante seria se o professor aproveitasse por exemplo uma atividade que elencasse esta habilidade para então falar sobre os nomes científicos dos órgãos sexuais masculino e feminino e falar sobre gênero também, umas vez que será quase impossível que nenhuma criança desenhe um pênis ou uma vulva a partir dessa habilidade (DESIDÉRIO, 2020, p. 107).

Com isso, estaríamos proporcionando,

para que pudessem, além de aprender cada parte de seu próprio sistema, aprender sobre o corpo do outro, a fim de se trabalhar o respeito, a valorização do corpo, assim como, principalmente, aprender que para a menina, ter uma vulva é tão importante quanto ter um pênis para o menino, sem relação de poder entre os

órgãos genitais. Cada um, com suas características físicas e biológicas, é importante. Isto possibilitaria um diálogo essencial nas questões de gênero (SILVA, 2015, p. 33).

A educação continuada do(a) professor(a), sempre sugerida antes de iniciar o trabalho de Educação Sexual na escola, traz conteúdos para os(as) docentes lidarem melhor com essas questões que envolvem os(as) seus(suas) alunos(as) e o trabalho pedagógico nessa área, como a metodologia mais adequada, os recursos indicados e a avaliação.

Esse trabalho, então, busca a compreensão das expressões da sexualidade por faixa etária, o desenvolvimento da criticidade, a problematização de algumas questões, a conscientização da corporeidade que não se limita aos aspectos orgânicos e o debate sobre gênero, numa visão que realize a educação continuidade do(a) professor(a) que contemple os aspectos históricos, socioculturais, afetivos e de políticas públicas, não limitando-a aos aspectos biológicos que, mesmo sendo importantes, não contemplam a sexualidade como um todo.

Mas, além do apresentado, é importante ressaltar que o desenvolvimento psíquico é muito importante no desenvolvimento da criança, inclusive para a fase de desenvolvimento da identidade sexual e do reconhecimento de si e do outro, em suas diferenças.

O psiquismo se relaciona com a esfera mental e o comportamento da pessoa que traz as suas emoções, percepção, pensamento e consciência. Essa consciência se desenvolve a partir de certos começos e não aparece como uma estrutura complexa, formada e acabada. Na criança, se dá de forma gradual. Por isso que devemos contemplar um desenvolvimento saudável, tranquilo e sem conflitos, incluindo aí a informação sobre sexualidade, o que propicia alívio e segurança.

Muller (2013, p. 56-57) esclarece que

quando a criança começa a dizer “eu” é que o desenvolvimento da consciência emerge, mas ainda de forma muito inicial. No entanto, será apenas por volta dos 12 anos de idade que podemos dizer que a consciência, de fato, nasceu. É a partir dessa idade que teremos um aparelho psíquico capaz de começar a compreender as coisas de forma mais parecida com o que fazemos quando adultos. E qual o papel da educação nesse processo de desenvolvimento da consciência? A educação recebida, seja em casa, na creche, na pré-escola ou futuramente na escola, é um meio que procura apoiar, gradativamente, esse processo complexo de formação da nossa consciência. Ou seja, é importante lembrar que toda essa educação vem propiciar o nosso desenvolvimento emocional. Inclui-se aqui, certamente, a educação sexual.

Pouco antes da entrada na pré-escola, por volta dos dois anos e meio e três anos de idade, configura-se o início da estruturação da identidade de gênero que, digamos, é a percepção interna, que cada pessoa acredita de si, como ser feminino e masculino. Para Ribeiro (2009, p. 53),

cada pessoa tem as condições biológicas para a aquisição da linguagem, mas só aprende a falar a partir da estimulação psicológica e social – pai e mãe, quando ficam brincando com o filho pedindo “diz o nome do papai” ou “diz o nome da mamãe”, mesmo sem saber, estão estimulando seu filho a falar. Assim como o ambiente em que a criança vive vai ser muito importante nesse processo. No caso da identidade de gênero, não é tão diferente. Existe a “base”, e é a interação dos aspectos psicológicos e sociais que faz que a criança adquira o sentimento de ser menino ou menina. Como podemos ver, estamos “ligados” (é a predisposição inata), mas não programados para uma identidade de gênero, assim como não estamos programados para uma determinada forma de linguagem específica. Uma e outra estão programadas, mas o desenvolvimento – como vai se dar – tanto da linguagem como da identidade vai depender do contato, da estimulação do meio social e psicológico.

Os pais, por serem os que mais de perto interagem com a criança, exercem uma grande influência na estruturação da identidade. Mas não são só os pais. A linguagem e a correlação com os órgãos sexuais (“você tem pênis, então é menino” ou “você tem vulva, então é menina”) e o conhecimento que a criança tem disso tudo também contribuem nessa formação.

É através da imagem de homem e mulher – a construção social dos papéis de homem e mulher de acordo com a sociedade – que a criança aprende o que seja ser menino ou menina correlacionada com a visão que a nossa sociedade tem dos papéis feminino e masculino. A isso chamamos de Papel Sexual de Gênero. Para o autor,

o Papel Sexual de Gênero é o conjunto de condutas esperadas de uma pessoa desde criança, de acordo com o que a sociedade e a cultura estabelecem do que seja um comportamento masculino e feminino. Os primeiros condicionamentos da nossa sociedade estabelecem regras como: meninos, por ter pênis, devem fazer xixi de pé, como seus pais; e meninas, por ter vulvas, devem urinar sentadas, como suas mães. Essa é, entre tantas outras que estão por vir, a primeira aprendizagem que mostra claramente a diferença entre meninos e meninas (...) o modo como os pais criam seus filhos vai definindo, desde cedo, o que é próprio de homem e o que é próprio de mulher, segundo os critérios de nossa sociedade. Dentro desses padrões, todos falam mais suavemente com o bebê quando é menina e de forma mais rude quando é menino. Meninos e meninas recebem brinquedos bem diferentes e as roupas são nas cores consideradas próprias para cada sexo: rosa para as filhas e azul para os filhos. Certamente, os pais ficariam constrangidos se seu garotão ganhasse uma roupa rosa ou uma boneca para brincar e sua princesa, uma bola para jogar. O processo de identificação com os pais é fundamental para a elaboração do que se passa internamente na pessoa e o desempenho dos papéis sexuais, ou seja, com atitudes femininas e masculinas (RIBEIRO, 2009, p. 54-56)

O próprio meio social vai trabalhando para que, cada vez mais, ambos estejam ajustáveis dentro do que a nossa sociedade estabelece como certo para cada sexo. Mas vale lembrar que os valores sociais não são eternos: mudam de acordo com a época ou momento histórico. O que é errado hoje pode não ser amanhã e vice-versa. Aliás, nós temos mudado muito rapidamente nas últimas décadas.

Mas, se ao longo do desenvolvimento, as crianças não seguirem esses padrões preestabelecidos, certamente terão motivos de conflitos em casa, na escola e nos lugares que frequentar. Daí que um dos objetivos do trabalho de educação sexual com crianças é desmitificar esses mitos, desconstruir a rigidez desses padrões atribuídos ao homem e à mulher. Pinturas, desenhos, colar fotos e as brincadeiras que podem ser de boneca e bola para todas as crianças, igualmente, pode ser uma estratégia a ser realizada pelo(a) professor(a) para essa desconstrução que só auxilia para perpetuar o preconceito e a discriminação.

Logo, o esclarecimento de dúvidas das crianças será de grande valia para o seu desenvolvimento cognitivo, afetivo e social, com boa repercussão para os seus aprendizados escolares. A estrutura psíquica de uma criança vai se estruturando de acordo com o seu desenvolvimento; e o trabalho de educação sexual, como visto anteriormente, deve levar em conta todos esses fatores, planejado de acordo com cada ano e idade correspondente.

Vale ressaltar que estamos numa época hipersexualizada e, mesmo que muita gente não queira falar sobre o assunto, este tema está em todo canto e principalmente nas redes sociais, sem filtro, onde crianças e adolescentes tem acesso irrestrito na maioria das vezes. Mesmo as famílias que são mais rígidas nesse sentido, os(as) filhos(as) acabam vendo nos aparelhos celulares dos(as) amigos(as) da escola. Não adianta proibir, é preciso educar. Orientar.

Segundo Beliz (2018, p. 23),

falar com as crianças (...) sobre sexualidade é a única forma de protegê-las e ajudá-las a tomar decisões protetoras em relação a si e aos outros. Hoje já não podemos deixar que descubram apenas por si – como acontecia com alguns pais e algumas mães – pois NUNCA estão sozinhos nem sozinhas e recebem de todas as direções as mais variadas informações. Como pai, mãe, avô, avó adulto cuidador, podem fazer a diferença ao servir de descodificador de tantas mensagens distorcidas que os jovens e as crianças recebem constantemente. Para isso, não precisa de tirar um curso, precisa apenas de conhecer-se bem, conhecer a realidade, e preparar-se para lidar com perguntas e situações em que acredite. A sua postura fará toda a diferença!

Contudo, muitos responsáveis e professores(a) questionam se as crianças estão preparadas para o trabalho de Educação Sexual. Entretanto, a criança se relaciona em diferentes espaços e tem acesso aos mais diferentes meios de comunicação e, sendo assim, nada mais indicado do que a informação ser passada de forma correta e por alguém de confiança.

## 2 A discussão de gênero através da interdisciplinaridade

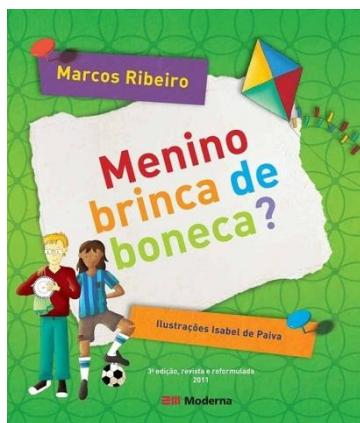
Trabalhar a questão de gênero desde a Educação Infantil e Ensino Fundamental – Anos Iniciais – é importante para que possamos construir uma sociedade igualitária, não-sexista e com

respeito às diferenças, aprendizado esse que pode começar desde cedo. Segundo Scott (1991, p.21), gênero é o “[...] elemento constitutivo das relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos”.

Logo, entendemos que essa construção se dá a partir da cultura e de seus valores, que, se a biologia identifica as diferenças genitais, a cultura constrói a identidade feminina e masculina. Assim, a construção de gênero se dá sob a ótica da cultura que estabelece relações desiguais, com mais oportunidades para os homens do que para as mulheres; com mais direitos para o masculino em detrimento do feminino e, até na violência de gênero, as mulheres são vítimas preferenciais. Dessa forma, falar de gênero é falar de igualdade e de direitos humanos.

Para o trabalho de gênero com crianças, através da interdisciplinaridade, propomos, como referência de ação neste artigo, o livro *Menino brinca de boneca?*, de Marcos Ribeiro, com sua 3ª edição, revista e reformulada, publicada em 2011 pela Editora Moderna (Figura 1). Na obra, o autor traz a discussão da igualdade de direitos entre meninos e meninas, com a proposta de uma relação igualitária, sem preconceito e oportunidades iguais (RIBEIRO, 2011).

Figura 1: Capa do livro *Menina brinca de boneca?*



Fonte: Arquivo pessoal do primeiro autor.

Vale ressaltar que a interdisciplinaridade chegou ao Brasil se intensificado com a nova LDB Nº 9.394/96 (BRASIL, 1996) e com os PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997). Além de sua forte influência na legislação e nas propostas curriculares, a interdisciplinaridade ganhou força nas escolas, principalmente no discurso e na prática de professores(as) dos diversos níveis de ensino.

No que se refere à interdisciplinaridade abordada nos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997), ela estabelece uma relação entre diferentes campos do conhecimento, não sendo trabalhada de forma fragmentada, mas sim de forma integrada e comunicativa com todas as áreas do conhecimento. Para que ocorra a interdisciplinaridade, não necessitamos eliminar os componentes

curriculares, mas torná-los comunicativos entre si, concebê-los como processos históricos e culturais, visando o processo de ensino e aprendizagem.

Trindade (2008, p. 73), ao escrever sobre interdisciplinaridade, afirma que

mais importante do que defini-la, porque o próprio ato de definir estabelece barreiras, é refletir sobre as atitudes que se constituem como interdisciplinares: atitude de humildade diante dos limites do próprio saber, sem deixar que ela se torne um limite; a atitude de espera diante do já estabelecido para que a dúvida apareça e o novo germe; a atitude de deslumbramento ante a possibilidade de superar outros desafios; a atitude de respeito ao olhar o velho como novo, ao olhar o outro e reconhecê-lo, reconhecendo-se; a atitude de cooperação que conduz às parcerias, às trocas, aos encontros, mais das pessoas que das disciplinas, que propiciam as transformações, razão de ser da interdisciplinaridade. Mais que um fazer, é paixão por aprender, compartilhar e ir além.

Logo, essa proposta pode ser a ideia inicial para as discussões de gênero através da interdisciplinaridade, na leitura do livro como, por exemplo, na aula de português, envolvendo, na sequência, as demais disciplinas e toda escola nas atividades. Dentro dessa lógica pedagógica, a partir da abordagem do conteúdo inicialmente proposto na leitura do livro na aula de português, elencamos a seguir possibilidades de interlocuções com as disciplinas (Tabela 1), de modo que, além das diversas áreas do conhecimento, tais como Língua Portuguesa, Matemática, Língua Estrangeira, História, Geografia, Ciências Naturais, Arte e Educação Física, os PCN (BRASIL, 1997), visando trabalhar temas sociais de modo transversal a essas disciplinas curriculares, apresentam também volumes que tratam dos seguintes temas: ética, saúde, meio ambiente, orientação sexual e pluralidade cultural, o que contribui ainda mais para que a temática gênero ultrapasse uma discussão limitada.

Tabela 1: Propostas de planejamento pedagógico a partir da leitura do livro *Menino brinca de boneca?* (RIBEIRO, 2011).

Disciplina	Língua Portuguesa
Objetivo	Aprender sobre a equidade de gênero através das brincadeiras e jogos infantis e o que a cultura espera das escolhas de meninos e meninas, como o que podem fazer ou o que não fica bem.
Conteúdo(s)	Interpretação de texto sobre as “brincadeiras de meninos e meninas”; construção de histórias em quadrinhos a partir do que é considerado “coisa de menino” e “coisa de menina”, como a cor da roupa, o uso do brinco ou dançar <i>ballet</i> ; Produção textual sobre o que menino e menina “podem fazer” e o que “não fica bem”, utilizando no texto a forma correta do uso da língua como ponto

	<p>final, vírgula, ponto e vírgula, dois pontos, ponto de interrogação, ponto de exclamação e travessão;</p> <p>Ficha de leitura: oral e escrita, após a leitura do livro <i>Menino brinca de boneca?</i> (RIBEIRO, 2011).</p> <p>O conteúdo desta disciplina se relaciona também com o tema transversal Ética.</p>
Metodologia (estratégias)	Discussão circular a partir da leitura do livro e trabalho em grupo na produção de revistas em quadrinhos, textos para posterior dramatização e fichamento com leitura para toda turma, seguido de debate.
Recursos	Exemplar do livro <i>Menino brinca de boneca?</i> , folhas de papel A4 para os desenhos e fichamentos, caneta hidrocor de várias cores.
Avaliação	Exercícios de interpretação de texto, pontuação e fichamento do livro em grupo.
Disciplina	Ciências da Natureza
Objetivo	Reconhecer as diferenças entre os corpos de homens (meninos) e de mulheres (meninas) e a importância dos cuidados de higiene.
Conteúdo(s)	<p>Corpo humano; diferenças físicas entre homens (meninos) e mulheres (meninas); higiene.</p> <p>O conteúdo desta disciplina se relaciona também com os temas transversais Orientação Sexual e Saúde.</p>
Metodologia (estratégias)	Após o desenho do contorno do corpo humano em duas folhas de papel pardo, descrever os órgãos sexuais e as diferenças de homens e mulheres. Para cada desenho – de um homem e de uma mulher –, o(a) professor(a) pode sugerir que deem aos personagens nome, profissão e o que cada um gosta ou não.
Recursos	Folhas de papel pardo, caneta hidrocor de várias cores, fita crepe ou durex.
Avaliação	Debate em grupo e depois apresentação oral utilizando os dois desenhos construídos pelos(as) alunos(as).
Disciplina	História
Objetivo	Conhecer a mudança do vestuário masculino e feminino do Brasil colônia até os dias de hoje, entendendo as influências históricas de cada época.

Conteúdo(s)	A história do Brasil colônia até os dias de hoje: a mudança do vestuário de homens e mulheres com as influências históricas de cada época.  O conteúdo desta disciplina se relaciona também com o tema transversal Pluralidade Cultural.
Metodologia (estratégias)	Pesquisa em livros e internet sobre a diferença do vestuário de homens e mulheres em diferentes períodos da história; criação de um painel em ordem cronológica com cada grupo responsável por um período. Dramatização desses períodos.
Recursos	Livros, computador com acesso à internet e impressora, uma folha grande de papel pardo, folhas de papel A4, caneta hidrocor de várias cores, cola, roupas e acessórios para a dramatização.
Avaliação	Identificação das diferentes épocas no mural construído e participação na dramatização.
Disciplina	Geografia
Objetivo	Compreender as características das cinco regiões do Brasil, sinalizando as igualdades e diferenças do comportamento de homens e mulheres de cada localidade.
Conteúdo(s)	Mapas: características das cinco regiões do Brasil; A diferença de gênero nas diversas localidades do Brasil.  O conteúdo desta disciplina se relaciona também com o tema transversal Meio Ambiente.
Metodologia (estratégias)	Através de um mapa, apresentar as características de cada região do Brasil, sinalizando as igualdades e as diferenças do comportamento de homens e de mulheres de cada localidade.
Recursos	Um mapa em tamanho grande, caneta hidrocor de várias cores.
Avaliação	Produção de um texto em grupo sobre as diferenças de gênero em cada região do Brasil.
Disciplina	Artes
Objetivo	Refletir sobre o preconceito em relação aos meninos que dançam <i>ballet</i> .
Conteúdo(s)	Discussão sobre a questão de gênero e o preconceito em relação aos garotos que dançam <i>ballet</i> .

	O conteúdo desta disciplina se relaciona também com os temas transversal Ética, Pluralidade Cultural e Orientação Sexual.
Metodologia (estratégias)	<p>Debate após a exibição de um vídeo de crianças dançando <i>ballet</i> e de obras clássicas como <i>O quebra nozes</i>, <i>Coppélia</i> e <i>Bolero de Ravel</i>, neste caso dançado só por um homem – o bailarino Jorge Donn.</p> <p>Observação: para a pesquisa dos vídeos no <i>Youtube</i>, a atividade pode ser feita com o professor de informática, e para o trabalho corporal, na aula de educação física, através da interdisciplinaridade.</p>
Recursos	Computador com acesso à internet, vídeos com crianças dançando <i>ballet</i> que tenham a presença de meninos, vídeo do <i>ballet O quebra nozes</i> , <i>Coppélia</i> e <i>Bolero de Ravel</i> .
Avaliação	Observação dos(as) alunos(as) nos debates sobre os vídeos assistidos e participação na aula.
Disciplina	Educação Física
Objetivo	Desenvolver um pensamento crítico sobre as questões de gênero nas diferentes modalidades esportivas dos jogos olímpicos.
Conteúdo(s)	<p>Jogos Olímpicos: competições oficiais e diferenças de gênero</p> <p>O conteúdo desta disciplina se relaciona também com o tema transversal Saúde.</p>
Metodologia (estratégias)	<p>Exposição oral sobre as competições olímpicas e as atividades esportivas que são mais realizadas por homens ou mulheres, ressaltando o avanço do futebol feminino.</p> <p>Observação: na aula de artes, o enfoque maior é dado ao homem que faz <i>ballet</i>. Na aula de educação física, à mulher que joga futebol. Assim, contemplam os dois gêneros em atividades físicas.</p>
Recursos	<p>Imagens dos diferentes esportes que fazem parte das olimpíadas, folhas de papel A4, caneta hidrocor de várias cores.</p> <p>Uma sala ampla ou pátio para as atividades corporais para a interdisciplinaridade sugerida na aula de artes.</p>
Avaliação	Aula prática misturando meninos e meninas em uma das modalidades escolhidas pela turma através das questões levantadas após as apresentações orais e os trabalhos desenvolvimentos com as imagens.

Disciplina	Matemática
Objetivo	Construir procedimentos para produzir, organizar, representar e interpretar dados, realizando a leitura das informações.
Conteúdo(s)	<p>Tratamento da informação através da interpretação de dados em gráficos e tabelas.</p> <p>O conteúdo desta disciplina se relaciona também com o tema transversal Pluralidade Cultural.</p>
Metodologia (estratégias)	<p>Iniciar uma conversa informal sobre quantidade de meninos e meninas na sala. Registrar no quadro essa quantidade.</p> <p>Apresentar uma caixa de papelão (ou madeira) com fotos de brinquedos e atividades do dia a dia de uma casa. Pedir para que cada aluno(a) pegue uma foto.</p> <p>Construir uma tabela com duas colunas: (1) “Homem” e (2) “Mulher” e solicitar que os(as) alunos(as) preencham a tabela com o que eles consideram ser “coisa de homem” e “coisa de mulher”.</p> <p>Após todos(as) realizarem a atividade, discutir as relações de gênero a partir da tabela que eles(as) construíram.</p> <p>Ao final, sugerir que eles(as) façam a mesma atividade com as pessoas que moram na sua casa sobre os “afazeres domésticos” e tragam os resultados na aula seguinte.</p>
Recursos	<p>Caixa com fotos de brinquedos e atividades diversas (domésticas lavando e passando roupa, arrumando a casa, trocando a lâmpada etc.).</p> <p>Cartaz com uma tabela.</p>
Avaliação	Observação dos(as) alunos(as) nos debates e a participação nas atividades realizadas na sala de aula.
Disciplina	Língua Inglesa
Objetivo	Reconhecer os direitos das mulheres em alguns países, fazendo um contraponto com algumas desigualdades ainda presentes em muitas culturas
Conteúdo(s)	<p>Interpretação de texto sobre as conquistas das mulheres, em documentos originais da ONU Mulheres.</p> <p>Produção textual através de uma nuvem de palavras, com as expressões mais recorrentes nos textos trabalhados anteriormente.</p>

	Redação com umas das desigualdades apresentadas e que proposta teriam para mudar essa realidade.
Metodologia (estratégias)	Debate após a leitura dos textos e, divididos em grupo de 4, escolherem algumas palavras da nuvem para aprofundarem a discussão, com o reconhecimento correto da palavra em inglês para a discussão dos grupos.
Recursos	Textos em inglês da ONU Mulheres, dicionário inglês-português, folhas de papel pardo para colocar a nuvem de palavras; caneta hidrocor de várias cores.
Avaliação	Participação dos(as) alunos(as) no debate e no reconhecimento das palavras em inglês para compor a nuvem de palavras.

Fonte: a autora/os autores.

Embora o livro *Menino brinca de boneca?* não tenha classificação indicativa de leitura para crianças de zero a cinco anos idade, destaca-se a importância de se incluir na rotina diária da Educação Infantil práticas pedagógicas sobre igualdade gênero, principalmente propostas a partir desse livro.

É preciso que o(a) professor(a), oportunize atividades de pintura com tintas, lápis, canetinhas e massinhas coloridas para as crianças e não selecione cores destinadas ao gênero masculino e feminino; que os brinquedos e as brincadeiras não sejam generificadas; que as capas de atividades ou lembrancinhas entregue aos alunos e às alunas sejam iguais para toda a turma e as filas sejam mistas, para que as crianças tenham essa vivência no contexto escolar que, independente de ser menino ou menina, as oportunidades serão iguais, como um bom exercício para a formação do cidadão e da cidadã que tem na escola um importante aprendizado.

Para Silva (2017, p. 20),

ao se pensar em ações que possibilitem diálogos sobre as questões de gênero na escola, precisamos inicialmente refletir como tem sido e como está direcionado o nosso olhar sobre essas questões: será que a escola reconhece as diferenças no modo em que são tratados os meninos e meninas? Estamos conseguindo valorizar a importância de uma educação mais igualitária? Temos identificado na prática pedagógica as segmentações/diferenciações nas brincadeiras entre meninos e meninas? Os comportamentos de meninos e meninas são observados a fim de possibilitarmos mudanças para uma convivência mais harmoniosa, sem diferenças em seu tratamento? Esses questionamentos são importantes para se repensar as ações no cotidiano escolar. Assumir compromisso numa educação igualitária, ela passa a fazer parte de um processo muito importante de aceitar uma mudança de postura, o que a permitirá buscar alternativas de mudanças para esses tratamentos inadequados, muitas vezes discriminatórios.

Logo, negar esse debate é ignorar a importância dessas discussões para o pleno desenvolvimento físico, afetivo, social e cognitivo do(a) aluno(a). Segundo Aguiar (2021, p. 27),

o Estatuto da Criança e do Adolescente apresenta, em seu terceiro artigo, uma abordagem de igualdade entre as idades, seguindo o princípio da pessoa humana, garantindo-lhes uma educação de qualidade sem a distinção de idade e até mesmo de formação biológica. Desconsiderar que a criança é um indivíduo sexual é o mesmo que privá-la dos seus direitos legais.

Dessa forma, o trabalho de Educação Sexual com crianças traz, em seu *scopo pedagógico*, a metodologia, recursos e avaliação específica que poderão ser aprendidas numa educação em continuidade, primeiro passo para que o(a) professor(a) possa começar o seu trabalho.

### **Considerações finais**

A instituição escolar é o espaço onde as crianças iniciam o segundo processo de socialização – o primeiro é a família –, onde vivem realidades diversas e estabelecem vínculos afetivos importantes para o seu desenvolvimento. É a partir dessa convivência – que pode impactar positivamente nos aspectos físicos, psicológicos, cognitivos e sociais –, que, como vimos ao longo desse artigo, podemos realizar um trabalho de educação sexual de forma planejada e interdisciplinar, utilizando, inclusive, como destacamos no item 4, a literatura infantil.

Ao chegar à escola, as crianças já trazem suas vivências e, por vezes, conceitos arraigados sobre gênero, numa educação sexista, transmitidos pela própria família, como, por exemplo, menino não brinca de boneca e menina não joga bola, por considerarem que não é “coisas de menino” nem “coisas de menina”. Se objetivamos ter uma sociedade igualitária e não sexista, é necessário que o trabalho a ser realizado possa começar desde a tenra idade como propomos com esse artigo.

Desse modo, o contexto escolar é o local ideal para que o(a) professor(a) desenvolva um projeto de educação sexual com interface nas reflexões sobre gênero, para que as crianças possam compreender esses papéis sociais no contexto atual. O trabalho a ser desenvolvido busca contribuir para a formação da cidadania, que se respeitem as diferenças e ao mesmo tempo se compreendam que meninos e meninas podem – e devem! – ter os mesmos direitos e oportunidades iguais. Lembrando que, quando falamos de direitos, não excluímos a conversa sobre deveres.

A educação é um direito assegurado na Constituição e se faz presente no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Nesse sentido, a sexualidade como parte integrante do ser humano e presente em todo o seu desenvolvimento, não pode ficar à margem desse processo de formação. Assim, o livro *Menino brinca de boneca?* (RIBEIRO, 2011), apresentado como uma proposta interdisciplinar para a abordagem de gênero, é um recurso didático significativo sobre os papéis masculino e feminino

construídos na nossa sociedade, que auxilia no processo de ensino e aprendizagem na Educação Infantil, escolar e familiar.

A Educação Sexual nas escolas contribui para o bem-estar dos indivíduos na vivência de sua sexualidade plena, atual e futura. Para que esse trabalho seja realizado, é preciso observar o desenvolvimento por faixa etária e ano escolar; identificar os conteúdos adequados levando em consideração a compreensão cognitiva de acordo com a idade e buscar utilizar uma metodologia dinâmica e participativa através do teatro, contação de histórias, rodas de conversa, jogos, desenhos e brincadeiras.

Ressaltamos que uma aprendizagem efetiva, que promova a igualdade de gênero, o conhecimento do corpo, o cuidado em se proteger da violência sexual, o respeito às diferenças e a cultura pela paz, não acontece apenas através de mera transmissão de informação, mas é necessário conectar-se com a realidade dos(as) estudantes e as suas experiências, buscando mudanças de atitudes através do trabalho pedagógico.

Acreditar que a inocência protege, ao mesmo tempo em que a criança tem acesso a uma avalanche de conteúdos sobre sexualidade nos diversos meios de comunicação e conversas com seus pares, é desconhecer a importância da educação na formação de cidadãos e cidadãs.

De tal modo, consideramos, então, que a família precisa se preparar, percebendo a importância de tratar desse tema com naturalidade e sem a reprodução de estereótipos que em nada contribuem para a criança, e que a escola, no seu papel educacional, deve propiciar o debate acerca do tema, com base na Ciência e nos direitos humanos.

### **CHILDHOOD SEX EDUCATION: DISCUSSING GENDER IN THE BOOK "MENINO BRINCA DE BONECA?"**

**Abstract:** This work presents possibilities to think about gender issues in Sexual Education programs, especially in childhood, since the norms are dictated between what is right or wrong for the boy and the girl, being increasingly evident throughout our development. However, the objective of the text proposed here is to point to a reflection on Sexual Education in childhood, presenting possibilities of proposals for pedagogical planning on the gender theme, through interdisciplinarity, based on the book "Menino Brinca de Boneca?". We believe that the articulation of the theme with the literature should be worked with children in a systematic, continuous and effective way, with moments of group interaction and joint reflections, putting into practice a Sexual Education Program that is part of the Pedagogical Political Project of school.

**Keywords:** Gender. Literature. Sex education.

### **Referências**

AGUIAR, M. M. O Projeto Político-Pedagógico e a Abordagem dos Temas Especiais 1. In: RIBEIRO, Marcos (ORG). **A Conversa sobre Sexualidade na Escola – Da educação infantil ao ensino médio.** Rio de Janeiro-RJ. WAK, 2021.

BELIZ, V. **Chamar as Coisas pelo Nome:** Como e quando falar sobre sexualidade. Lisboa – Portugal: Arena, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular:** Educação é a base. Brasília: MEC, 2018.

\_\_\_\_\_. Secretaria Especial dos Direitos Humanos, Ministério da Educação. **Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos.** Brasília, 2003.

\_\_\_\_\_. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Caderno “Orientação Sexual e Pluralidade Cultural”.** Brasília. DF: MEC/SEF, 1997.

\_\_\_\_\_. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB. 9394/1996**

DESIDÉRIO, R. A exclusão da temática sexualidade nos anos iniciais do ensino fundamental na BNCC e seus reflexos para o ensino de ciências. **Horizontes - Revista de Educação**, [S.I.], v. 8, n. 15, p. 98-112, jul. 2020.

EGYPTO, A. C.; VONK, F. V. V.; BARBIRATO, M. A.; SILVA, M. A. da; SAYÃO, Y. **A Revisão e Adequação Técnica do material “Crescendo de bem com a vida” – 4 a 6 anos.** GTPOS – Grupo de Trabalho e Pesquisa em Orientação Sexual, São Paulo, 1999, p.4-41.

MULLER, L. **Educação sexual em 8 lições.** São Paulo: SP, Ed. Academia do livro, 2013.

RIBEIRO, M. **Conversando com seu filho sobre sexo.** São Paulo: SP, Ed. Planeta, 2009.

\_\_\_\_\_. **Menino brinca de boneca?** 3. ed. rev. e reform. São Paulo, Moderna, 2011.

RIBEIRO, C. **A fala da criança sobre sexualidade humana:** o dito, o explícito e o oculto. Campinas: Mercado de Letras, 1996.

SILVA, R. D. da. Refletindo sobre as questões de gênero em sala de aula. **Travessias**, Cascavel, v. 11, n. 1, p. 15-23, maio 2017.

\_\_\_\_\_. R. D.. **Educação Audiovisual da Sexualidade:** olhares a partir do Kit Anti-Homofobia. 2015, 144 f. Tese (Doutorado em Educação Escolar). Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara-SP, 2015.

\_\_\_\_\_. R. D. da; MAIA, A. C. B. Autoerotismo em sala de aula: o que pensam, como reagem e dizem fazer os professores?. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 8, n. 3, p. 678–687, 2014.

SCOTT, J. W. **Gênero: uma categoria útil para análise histórica.** Recife: SOS Corpo, 1991.

TRINDADE, D. F. Interdisciplinaridade: um novo olhar sobre as ciências. In: FAZENDA, I. (org.). **O que é interdisciplinaridade?** São Paulo: Cortez, 2008.